



Sobrevivendo no extremo: aspectos antropológicos da medicina polar antártica

A EACF (Estação Antártica Comandante Ferraz) é uma base brasileira instalada a 130 quilômetros da Península Antártica, em 1984, com atividades iniciadas em 1986. Em janeiro de 2012, a Estação Antártica Comandante Ferraz havia completado 30 anos, com capacidade para 58 pessoas e laboratórios para ciências biológicas, atmosféricas e químicas. No dia 25 de fevereiro de 2012, as instalações da Estação Comandante Ferraz foram alvo de um incêndio durante a madrugada, quando havia mais de 40 pessoas no local. Os ocupantes, incluindo militares da marinha, pesquisadores e colaboradores foram transferidos para a base chilena Eduardo Frei Montalva. Uma das vítimas do incêndio foi atendida na Estação polonesa de Artovisky e os civis desabrigados foram resgatados por helicóptero até a base Chilena e de lá transportados em navio da marinha para Punta Arenas, no Chile, retornando ao Brasil em vôo da FAB (Força Aérea Brasileira). Na Antártica, os brasileiros receberam ajuda de botes poloneses, navios argentinos, ingleses e dos helicópteros da força aérea chilena. Dois militares perderam a vida ao tentar controlar o incêndio. Este episódio estimulou o interesse pela área de medicina e biologia humana no programa antártico brasileiro, e pela reflexão antropológica que a questão *sui generis* da “saúde” antártica suscita.

Significativamente, a despeito do grande número de projetos científicos apoiadas pelo Programa Antártico Brasileiro, que abriga grupos de pesquisa de diversas instituições acadêmicas nacionais e dá apoio aos trabalhos de campo em navios da marinha aparelhados com laboratórios e logística móvel, pouca informação científica vem sendo gerado pela coleta sistemática de dados ao longo do processo operacional que leva pelo menos um médico para a estação antártica a cada ano, incluindo o período de inverno, além de mais dois profissionais da saúde para os Navios polares Brasileiros.



O tipo de medicina exercido na Antártica, seja no verão, ou no inverno, e cobrindo as diversas localizações de trabalho pelos Brasileiros civis e militares na Antártica (bases, navios, acampamentos, abrigos e refúgios) é a área da Medicina Polar que lida com os desafios do exercício da medicina em áreas remotas, isoladas, de difícil acesso e até bem pouco tempo com precária capacidade de comunicação em tempo real. Lida ainda com a preparação das equipes que se sujeitam a um escrutínio com os exames preventivos e preditivos de problemas e complicações, com os programas educativos para identificação e prevenção dos riscos à saúde do trabalhador antártico (medicina de extremos, medicina de resgate em ambientes extremos, medicina de risco). O atendimento de saúde eletivo e emergencial é oferecido pelo serviço médico da marinha (por profissionais médicos, cirurgiões odontólogos treinados por iniciativa da própria marinha). No entanto, sem objetivos científicos e planejamento para finalidade acadêmica sistemática, a eventual disponibilidade de dados coletados, sua análise e as reflexões geradas sobre as perguntas suscitadas se perdem, e deixa-se de aproveitar uma oportunidade privilegiada de um trabalho conjunto com pesquisadores da área de biomédicas e da antropologia da ciência.

Tal cenário vem tomando maior visibilidade, com as chamadas para projetos nas áreas de medicina e ciências biológicas e da saúde humana, que atraem um número considerável de pesquisadores que ainda não conhecem a realidade da “sociedade antártica” e tendem a reproduzir em seus projetos as questões relacionadas com as demandas da medicina ocidental, sob o enfoque reducionista da pesquisa biomédica.

O presente projeto surge da detecção de uma carência, a necessidade não só de estudar, conhecer e aprimorar as estruturas e operações logísticas para o exercício da medicina nas condições antárticas e no contexto do apoio ao **PROANTAR**, mas também de refletir sobre vários aspectos da Medicina Polar, o seu exercício na realidade antártica, e suas características no contexto do território antártico sob o prisma da antropologia da saúde.

Médicos e cirurgiões sempre tiveram papel proeminente em todas as principais explorações polares. Presentes como membros médicos da tripulação, escritores, ou como naturalistas interessados, são personagens históricos, muitas vezes parte do imaginário associado às grandes narrativas da exploração e aventura na Antártica desde os séculos passados. Há um histórico interessante da participação de médicos nas expedições polares pioneiras de Scott,



Amundsen (Dr. Frederick Cook) e Shackleton (Dr Alexander Macklin). No início dos anos 1900, equipe médica e suprimentos médicos começaram a ser formalmente planejados e incluídos nas expedições de Amundsen, Scott, Shackleton e Mawson, entre outros no período que constituiu a era heróica da exploração do polo sul. Nenhuma viagem polar de grande porte particularmente nos últimos 300 anos, foi feita sem um membro treinado em emergência médica e cirurgia básica. Envolvidos não apenas em tratar doenças os médicos funcionavam como naturalistas com conhecimentos em biologia, botânica, zoologia e escrita de catálogos científicos. A participação destes médicos e cientistas naturais nas expedições antárticas e árticas foi revista por Lugg (1975) e por Fodstad H (1999).

Os equivalentes modernos são comparativamente considerados luxuosos. Em geral, as estações antárticas, incluindo a brasileira, tem uma farmácia compacta, equipamentos diagnósticos, leito, mesmo eventualmente uma cadeira odontológica e uma mesa de operações. Em geral, os escaneamentos por imagem e exames preventivos são muito mais eficazes que décadas atrás em excluir e tratar a maioria dos problemas de forma preventiva e em terra. No entanto, a despeito dos avanços tecnológicos e comunicação, quando enfrentam um problema médico na antártica os médicos ainda encontram-se fora do alcance de consultoria especializada e do apoio diagnóstico, fazendo um trabalho solitário, que também o afeta diretamente, desde o seu treinamento e ao longo de sua vida, o que merece atenção do nosso projeto. Nas últimas décadas a escalada do interesse científico na antártica é sem precedentes. Atualmente o cenário de atuação humana na antártica está em franca expansão, principalmente relacionado com as atividades de pesquisa nas ciências naturais as quais envolvem sem dúvida, a exposição corpórea ao ambiente extremo gerando riscos específicos de acidentes e eventos que afetam a saúde, ou pelo menos determinam fenômenos adaptativos de interesse fisiológico bem como estresse psicológico, em situações de confinamento.

As práticas científicas e logísticas implicam em si mesmas a experiência pragmática de ocupação e residência humana nas áreas estudadas, mesmo que temporariamente. Mas não só isto, temos também um contexto político e de relações internacionais realmente promissor para a pesquisa social, digamos transcultural. Os dados coletados nas pesquisas de cada nação compõem um mosaico que reflete a trajetória da própria ciência: do particular ao universal, do Estado ao espaço inter(trans)nacional, da atividade da coleta à análise dos dados científicos; e



são essencialmente objeto de interesse da investigação em antropologia. Há uma discussão sobre medicina/ psicopatologia transcultural que emerge destas atividades antárticas, que são o objeto de interesse de nossa proposta. Tal investigação exige do pesquisador a busca por compreender o funcionamento das instituições do Estado e de pesquisa e suas relações. Implica também o estudo das instituições de apoio logístico e seus modos de acumulação de conhecimento. Situa o objeto de interesse da pesquisa no contexto dinâmico e particular deste território polar.

Há mais de um século a extensão planetária da psicopatologia vem seguindo a aceleração da globalização do saber científico, e a ocidentalização do mundo. Este desenvolvimento conduziu pesquisadores e clínicos a interrogarem-se sobre as expressões culturais das manifestações patológicas ditas da psique ou da alma. Concomitantemente, inaugurou-se um questionamento sobre os efeitos de aplicação da linguagem da psicopatologia em meios sociais, linguísticos e culturais diferentes do seu lar europeu inicial. Existe uma rica história de progressos teóricos e clínicos relativa à interseção de várias disciplinas, mas também de pesados tropeços, na qual a querela entre o universalismo e o relativismo tem um peso particular. Em uma época na qual os processos da globalização levam a uma nova consciência da tradução das culturas e, ao mesmo tempo, de uma impossibilidade de tradução, além dos conflitos da relação identidade-alteridade, das destabilizações eco técnicas, com suas implicações individuais e coletivas, parece oportuno abordar a psicopatologia no seu contexto antártico em confrontação/comparação com a escala internacional.

A nossa proposta foi elaborada com o intuito de dar forma, visibilidade e concretude a um projeto de medicina polar que tenha como eixos os dois tópicos apresentados abaixo:

- a) **A problematização dos aspectos da saúde, doença e intervenção médico-psicológica na Antártica (Estação Comandante Ferraz, campos de pesquisa antártica, refúgios, acampamentos, Navios, Portos e outras Estações no Território Antártico), bem como outras estações de pesquisa na Antártica.**
- b) **A reflexão da antropológica médica na perspectiva da transculturalidade. Como é construído o discurso da medicina na Antártica, e suas relações com aspectos antropológicos do gênero, da ciência e do poder no programa brasileiro e em outras bases estrangeiras? Como historicamente este discurso vem sendo construído e sua relação com as agendas**



políticas e governamentais na Antártica? Nos interessa analisar, descrever e discutir o tema da saúde na antártica, desde os exames pré-antárticos, condições de atenção à saúde, preocupações médicas locais e sua continuidade assistencial ao paciente/participante após o retorno ao país de origem.

c) Uma melhor compreensão sobre o funcionamento das instituições do Estado, Instituições de Pesquisa, aparatos logísticos e conceituais dos programas antárticos, e suas relações, incluindo suas visões e configurações do sistema de saúde no contexto dinâmico e particular do território polar.

Estas abordagens tem um viés que tangencia os aspectos médicos relativos aos problemas muito interessantes de se estudar no ambiente antártico, o qual se comporta do ponto de vista do isolamento, do acesso, das condições geoclimáticas e desfavoráveis à sobrevivência humana, como um laboratório peculiar, bastante propício não só ao estudo como ao aprendizado/treinamento de uma medicina de extremos; medicina de risco, em geral utilizada em expedições e em ambientes não controlados e de difícil acesso, bem como em situações militares (conflitos) de catástrofes e de calamidades públicas; além de permitir o estudo da fisiopatologia da adaptação ao frio, ao isolamento, ao desamparo (no sentido de suscitar uma resposta adaptativa não somente orgânica mas também reativa ao confronto com as condições de precariedade da vida, o desamparo, a luta pela sobrevivência).

Um aspecto relevante e impactante da realidade médica na Antártica diz respeito à grande incidência dos transtornos mentais que é grandemente atribuída ao isolamento excessivo, à perda de referências circadianas, de ciclos de luz e escuro, mudanças na percepção do tempo-espaço, entre outras causas, menos estudadas, como o exacerbado sentido de desamparo que o humano enfrenta naquelas paisagens de aspecto extraplanetário.

Em uma perspectiva de abordagem que reflete sobre seu próprio fazer, tanto o saber psicanalítico como a antropologia podem contribuir para desmontar o discurso da verdade sustentada pelas ideais iluministas que avançaram com a modernidade e o conhecimento científico, grandemente afetado pelos avanços tecnológicos, que passou a ser medido em termos de quantidade de informação, e ajudar a avançar na direção de uma crítica à medicina tecnicista e alienada do nosso tempo.



Uma das contribuições mais importante dos avanços científicos para o “fim das verdades”, e que aumentou ainda mais o sentimento de desamparo na contemporaneidade ainda não teve a atenção que merece: trata-se da mudança da percepção da dimensão espaço-tempo, que modificaram inexoravelmente nossa relação com o tempo de tal forma, que a noção tempo-espaço que temos hoje não guarda nenhuma semelhança com a noção tempo-espaço de outras épocas. Até neste sentido o espaço-tempo antártico pode ser pensado em termos de laboratório de pesquisa e pode ser acionado para o entendimento de condições psíquicas ali vivenciadas. Junta-se a isso, no plano coletivo, o que André Lebeau (2008) chama de Confinamento Planetário, que se traduz pelo confronto inevitável da humanidade, em um futuro mais ou menos próximo, com os limites do planeta devido às necessidades de crescimento desenfreado. O social será grandemente afetado, criando uma espécie de controle onde os “mais aptos” (segundo quais critérios?) sobreviverão.

Neste sentido interpretar os fenômenos relacionados com a angústia nos trabalhadores, militares, pesquisadores ou estudantes enquanto no campo antártico também pode trazer implicações que precisam ser melhores esclarecidas; ao invés de simplesmente tratadas. O pano de fundo seria a questão da saúde mental em sentido amplo, pois a questão do desamparo pode ganhar proporções inesperadas no ambiente antártico.

Não raro, o saber científico, altamente comprometido quando não subvencionado, por aqueles que detêm o poder, é convocado e transformado em instrumento ideólogo para ditar como a circulação pulsional deve ocorrer e para justificar as medidas a serem tomadas caso a norma não seja respeitada (Ceccarelli, 2010, 129). Ao propor um projeto científico sobre a medicina, a saúde, a doença na antártica, devemos estar atentos para as chaves de leitura que poderemos utilizar.



Principais Referências Bibliográficas:

Ceccarelli, P. R. O Sofrimento Psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005

CECCARELLI, P. R.. Don Quixote e a transgressão do saber. In: Revista Mal-estar e subjetividade – vol. IX – No 3 – p. 879-899 – set/2009

Fodstad H, Kondziolka D, Brophy BP, Roberts DW, Girvin JP. Arctic and Antarctic exploration including the contributions of physicians and effects of disease in the polar regions. Neurosurgery. 1999 May;44(5):925-39; discussion 939-40.

FOUCAULT, M., “História da Loucura”, São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 503.

Haventh G. Heat Balance When Wearing Protective Clothing. ,Ann. occup. Hyg., Vol. 43, No. 5, pp. 289±296, 1999

KUHN, Thomas (1970). A estrutura das revoluções científicas. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEBEAU, A. L'enfermement planétaire, Paris : Le débat/Gallimard, 2008.

Lugg DJ . Antarctic medicine, 1775-1975. I. Med J Aust. 1975 Aug 23;2(8):295-80

McLaren P.; Ball C J. Telemedicine: lessons remain unheeded. BMJ VOLUME 310, 1390

MEZAN, Renato. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. In: Jornal de Psicanálise, São Paulo, 39(70): 227-241, jun. 2006.

MIGLIAVACCA, Eva Maria. A Psicanálise e a Universidade: Pesquisa. Psicol. USP [online]. 2001, vol.12, n.2, pp. 119-123.

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. São Paulo: Cultrix, 1972.

SANTIBAÑEZ, N. S. Tentáculos Humanos hacia el hielo. Actividad humana, flujos y ciudades puerto-puerto hacia Antártica. El caso de la ciudad de Punta Arenas. Dissertação de Mestrado. Universidad Católica del Norte. Universidad de Tarapacá. Instituto de Investigaciones Arqueológicas y Museo. San Pedro de Atacama, Chile. 2011.

Silva C, 2012. Rev Med (São Paulo). 2012 jan.-mar.;91(1):19-24.

Sites de interesse

<http://www.cdc.gov/niosh/topics/coldstress/>

http://issuu.com/nols.edu/docs/2014_winter_and_spring_catalog?e=3634321/4598476